2.ª SERIE. TOMO V.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

NUM. 40. QUINTA FEIRA, 14 DE ABRIL DE 1853. **12.º ANNO.**

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

CATALOGO DOS MANUSCRIPTOS DIPLOMATICOS DO MUSEU BRITANICO DE QUE POSSUE COPIAS O EXM.º SR. VISCONDE DE SANTAREM RELATIVOS A PORTUGAL.

(Continuado de pag. 459.)

146.º

1579-1580 MARÇO 15 — Instrucções dadas por lord Burleigh a sir Henry Cobham sobre os negocios de Portugal, e resposta á carta que o mesmo diplomata lhe tinha dirigido.

147.º

1580 MARÇO 25 — Relatorio de sir Henry Cobham dirigido a lord Burleigh sobre as suas negociações relativas aos negocios de Portugal.

148.º

1580 MARÇO 28 — Paris — Carta de sir Henry Cobham, embaixador de Inglaterra, a lord Burleigh, participando-lhe a noticia da reclamação que el-rei de França tinha dirigido á côrte de Roma sobre o procedimento violento que Philippe II empregara contra Portugal.

149.º

1580 ABRIL 13 — Paris — Carta de sir Henry Cobham a lord Burleigh a respeito dos negocios de Portugal.

150.º

1581 (?) — Carta de D. Antonio prior do Crato a Henrique Knowles sobre o apresamento de alguns navios portuguezes que iam para os portos de Hespanha.

151.º

1581 SETEMBRO 2 — Despacho de lord Burleigh a um dos embaixadores d'Inglaterra em Paris, concernente ás negociações destes para uma liga sobre os negocios de Portugal.

152.º

1581 OUTUBRO 2 — Carta de D. Antonio, pertendente á corôa de Portugal, dirigida a Henrique Knowles para se mandarem certas tropas.

153.º

1581 NOVEMBRO 7 — Carta de Henrique Knowles ao conde de Leicester sobre as demoras dos navios etc. (relativa a Portugal).

154.º

1581 NOVEMBRO 16 — Carta d'Edwardo Pryn ao conde de Leicester relatando-lhe o estado das coisas na ilha Terceira e ácerca de D. Antonio (é datada d'Angra).

155.º

1583 JANEIRO 30 — Carta de sir Ed. Statfford, embaixador de Inglaterra em Paris (segundo parece) a sir Francis Walsingham sobre D. Antonio.

156.º

1587 NOVEMBRO 29 — Objecções apresentadas pelos commissarios que iam aos Paizes-Baixos a respeito de D. Antonio.

157.º

1589 (?) — Discurso sobre o auxilio que a In-

glaterra devia dar a Portugal e aos Paizes-Baixos.

158.º

1589 JUNHO 30 — Declaração das rasões por que os navios inglezes capturaram alguns navios suecos que transportavam trigo e provisões de Noruega para Lisboa.

159.º

1590 (?) — Relação dos tribunaes de Hespanha, *Portugal* e das Indias.

160.º

1590 AGOSTO 24 — Carta da rainha Isabel de Inglaterra a M. Barton seu agente em Constantinopola a favor de D. Antonio.

161.º

1590 AGOSTO 24 — Carta da mesma rainha ao Gran-Senhor em favor de D. Antonio.

162.º

1590 (?) — Minuta de uma carta da rainha Isabel ao Gran-Senhor exhortando a que exigisse do rei de Marrocos o cumprimento da sua promessa de dar um subsidio a D. Antonio expulsado do throno de Portugal por Philippe II.

163.º

1590 (?) — Carta de Muley Amet Xarife, rei de Marrocos, á rainha Isabel de Inglaterra, desculpando-se de não ter respondido mais cedo á sua requisição em favor de D. Antonio (é uma traducção).

164.º

1595 JUNHO 13 — Relação mandada de Lisboa ao secretario Cecil, sobre os preparativos militares que se faziam neste porto com receio de um ataque de sir Francis Drake.

165.º

1604 — Nota sobre os objectos em que os negociantes inglezes traficam com Hespanha e Portugal, offerecida ao conselho privado para ser attendida no tratado de Amizade com Hespanha, acompanhada de um requerimento dos mesmos, pedindo que se dessem providencias contra os vexames da inquisição.

166.º

1605 — Carta de sir Charles Cornwallis aos negociantes e feitores inglezes estabelecidos em Lisboa.

167.º

1605 AGOSTO — Carta dos lords do conselho de Inglaterra ao vice-rei em Portugal.

168.º

1606 — Causas por que se acharam presos em Lisboa, William Squise e Thomaz Taylor, feitores inglezes. Reclamação de sir C. Cornwallis sobre este assumpto.

169.º

1606 — Documento sobre os prisioneiros que foram postos em liberdade em Lisboa por ordem de el-rei de Hespanha em consequencia da intervenção de sir C. Cornwallis.

170.º

1608 — Memorial sobre o imposto de varios milhões em Portugal.

171.º

1613 OUTUBRO 15 — Carta do tenente Stacford, e relação do piloto Mullineux a respeito do apresamento de um navio inglez das Indias, e da perda de outro chamado *Hector* apresado pelos portuguezes.

172.º

1661 (?) — Ordem do ceremonial que se devia observar no recebimento da sr.ª D. Catharina rainha de Inglaterra (este documento é incompleto e não tem data).

(Continúa.)

DA VENDA DOS GENEROS.

Tem grande influencia na economia agricola a venda dos generos, sendo feita como as devidas circumstancias exigem. Por isso o administrador ou feitor das propriedades ruraes tirará muita conveniencia de frequentar as feiras e mercados, para obter conhecimento das compras e vendas tanto de cereaes como de gado nos pontos onde ellas se effectuam mais frequentemente e em maior escala.

É preciso attender ás occasiões e modo de vender os generos, vistoque são varias as circumstancias que podem levantar-lhes os preços. Exporei as principaes: — 1.ª escacez por falta

de colheita: — 2.ª escacez por exportação para o estrangeiro: 3.ª maior consumo pela passagem de tropas; para os grandes mercados etc.; — 4.ª resultado de acontecimentos politicos. — O agricultor deverá tel-as em vista, afim de lhe não escaparem as boas occasiões que se lhe offerecerem. Não deverá, porém, o agricultor dar saída a todos os seus generos para o exterior; antes attenderá a que o mercado nacional fique sempre bem provido.

O trigo e mais cereaes não devem ser vendidos logo depois da colheita; nem tão pouco se ha de esperar pela primavera immediata. A venda do trigo e do centeio se fará em quatro epochas do anno, dividindo o total da colheita em quatro porções, para apanhar todos os tempos em que teem mais saída sendo mais procurados nos mercados do consumo. — Não convém logo depois da colheita, por isso que ainda se não fixaram os competentes preços; é tambem máu guardar tudo para a primavera do anno seguinte, porque então os compradores calculam o que pódem esperar do estado das searas; e se as acham florecentes promovem uma baixa no preço dos generos, que não será indifferente ao cultivador.

Por consequencia, a primeira porção será vendida no mez de outubro, a segunda em janeiro e fevereiro; a terceira em maio; a quarta se reservará até depois da colheita; e se esta fôr abundante venda-se logo; se fôr escaça servira para acudir a qualquer precisão que possa sobrevir imprevistamente.

Quando o lavrador tiver uma porção que lhe não convenha vender assim repartida, por causa da pequena quantidade, esperará sómente pelo tempo mais opportuno, em que o preço lhe convenha.

De outro modo se ha de proceder quanto ao milho, com o qual é necessario maior cautela, porque alguma imprevista causa do tempo póde obrigar os camponezes ou colonos a carecer delle e a recorrerem ao fazendeiro proprietario para lh'o subministrar. Suppondo que seja em tal porção que ainda sobeje das necessidades de seus camponezes, dividirá a venda em tres partes, dando saída a duas em os mezes de fevereiro e de maio, e conservando o restante para o que já dissemos. Depois da colheita seguinte, caso que seja abundante, passará a desfazer-se de todos os cereaes velhos e ainda assim com a devida segurança.

A cevada e aveia pódem vender-se de outubro até junho em tres partes eguaes, não sendo estes generos de grande importancia; attendendo, comtudo, ao tempo mais proprio, que póde ser por fins de junho etc., conservando para então a maior quantidade, porquanto acontece freq uentes vezes serem muito procurados.

O arroz tambem ha de vender-se em cinco partes iguaes, afim, como já dissemos de apanhar todos os preços, que no seu complexo darão bom resultado. A primeira porção se venderá nos mezes de outubro e novembro, a segunda nos de dezembro e janeiro, a terceira nos de fevereiro e março, a quarta nos de abril e maio; a ultima partida ficará de retem para os casos que possam acontecer perjudiciaes á vegetação dos arrozaes. Sendo visitados em agosto, e vistos os indicios de boa colheita se procederá á venda do arroz velho; examinando-se que será má a colheita, se conservará aquelle para occorrer ás necessidades supervenientes.

É sabido ser o azeite de oliveira o mais excellente e mais procuredo não só para as manufacturas como para uso na comida. Não se deverá vender todo, e antes de effectuar a venda cumpre indagar o estado da colheita de todos os outros oleos ou azeites, que se faz mais cedo, e vêr que quantidade produziram e que preços obteram no mercado e praças commerciaes.

Constando que o azeite de nabos e de couve colza, bem como o de purgueira e o oleo de nozes tiveram escaça colheita, e seus preços subiram, teremos por certo que muito mais levantará o do azeite de oliveira, precisando-se dividir a sua venda em secções. Porém sempre o cultivador conservará uma terça parte, para ficar a coberto e observar como vae a colheita futura; pois que a oliveira é mui sensivel aos damnos causados pelas nevoas que de um instante para o outro a deixam sem fructo. Em tal caso aquella terça parte será o supprimento de um anno para o outro, estando assim prevenido o agricultor para todas as eventualidades, ao passo que a todo o tempo poderá realisar a venda, por ser o azeite um genero que tem saída em todas as épocas e sempre por preços comparativamente consideraveis.

Os vinhos de latada e os provenientes de vinhas situadas em logares baixos e humidos, não devem demorar-se além do mez de fevereiro. Os vinhos brancos convém pô-los com dono antes do mez de maio. Portanto, os vinhos de segura conservação se podem dividir em tres partidas, para vender a primeira desde o mez de fevereiro ata o principio de maio, tempo em que as cepés

mostram as esperanças da colheita; se promette abundante vindima, passar-se-ha a vender logo a segunda partida. E se a florescencia das vinhas pelo meado de junho vier em dias serenos e propicios se poderá vender tambem a terceira partida. Mas, se a vinha não dá em maio esperanças, e no meiado de junho sobrevierem dias nevoentos e chuvosos, muito perjudiciaes ás videiras, não se procederá á terceira venda.

Ha vinhos que adquirem valor por serem velhos; para estes poderá retardar-se a venda para occasião opportuna. Para esta qualidade é necessario ter uma *cava* ou adega subterranea, que conserve sempre a mesma temperatura; tambem os outros vinhos, ainda que sejam de inferior qualidade carecem de similhante local para se conservarem sem agua-ardente.

Quando as terras em que estão situadas as fazendas ficam longe dos logares onde costuma fazer-se o mercado, procede-se a respeito de certas vendas como se fosse um leilão. Assim pratiquei para a venda dos porcos cevados. Em primeiro logar fiz constar que os tinha para vender; correu esta voz pelas povoações e começaram a concorrer compradores, aos quaes marcava o mesmo dia de venda, sem que um podesse desconfiar do outro, e com palavra de não faltar, pois que depois do tal dia eu tinha de sahir para fóra. — Chegou o dia, dirigi-me ao sitio que indicára, e lá se ajuntaram todos os compradores: á hora determinada dei principio á venda em fórma de lanço e consegui vender por grosso os porcos a rasão de 11$500 rs.; preço que nunca se poude obter nas praças dos mercados, e sem metter em linha de conta o incommodo e despezas de conducções. Tinha eu experimentado, antes de effectuar a venda assim como fica dito, fazer remessas de dois cevados para Lisboa, Palmella, Azeitão, e Setubal; porém, estes quatro mercados nunca chegaram a dar-me mais de 8$000 a 9$000 rs., carregados além disso com as despezas de homens, conducção, comidas, e dias perdidos.

Para os cereaes tambem cumpre procurar o meio de vender na propria localidade ou casa. Porém, para isso é necessario que a quinta possua bons celleiros, espaçosos e adaptados aos productos da mesma. Estes celleiros deverão ser collocados em primeiro andar, e não em o chão, porque a humidade perjudica muito os cereaes: hão de ser bem ventilados, quero dizer terem janellas na direcção dos ventos mais frescos, como os que sopram do norte e da parte do nascente. O pavimento ou soalho deverá ser de tijolo e o tecto de folha de ferro ou forro coberto de estuque, ou tambem sem nenhum destes e sómente com um bom telhado de madeiramento; terá por todas as paredes até certa altura um reboco solido e liso, para os ratos não poderem escaparse, e se apanharem com facilidade, introduzindo de vez em quando um gato que os destrua.

GAGLIARDI (JOÃO).

(Continúa.)

COMPATRIOTAS.

Publicamos com muito gosto o convite do sr. Aniceto Ventura Rodrigues, para converter em propriedade de uma sociedade por acções o giro do seu bello estabelecimento de lanificios situado no Campo Grande.

O sr. Ventura Rodrigues é um dos nossos mais benemeritos fabricantes, e honra não só a industria mas tambem o nome portuguez.

Seria util que os capitaes associados por esta fórma realisassem um pensamento glorioso para o sr. Ventura Rodrigues e para o nosso paiz.

Fazemos votos para que os nossos desejos a tal respeito se realisem tão plenamente quanto o merece o honrado e intelligente fabricante a quem nos referimos.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

O abaixo assignado, proprietario da fabrica *Lusitania* de lanificios, movida por vapor, sita no lado oriental do Campo Grande n.º 17, foi para Inglaterra em janeiro de 1819, na edade de 15 para 16 annos. Chegou a Liverpool, e seguindo por Manchester, localisou-se em Leeds, no condado de York, centro das manufacturas de lanificios. Naquelle tempo poucas eram as fabricas movidas por vapor, que havia naquella villa. Viu-a crescer em edificios e populações, mais de metade. Viu edificar muitas fabricas, para a manufactura de pannos, e para a fiação do linho. Viu a invenção e desinvolvimento de maquinas, sendo sempre dos primeiros a usar das novas invenções, de que tirou sempre bom resultado, muitas vezes introdusindo-lhes melhoramentos, elle mesmo; porque pela pratica é sabido, « que a necessidade é a mãe da invenção. »

Continuou a residir naquelle local, á testa e dirigindo uma fabrica de pannos, isto unido com outro, até 30 de junho de 1832.

No 1.º de julho do mesmo anno, principiou por sua conta o negocio em outra fabrica.

Em 1835, em companhia de alguns amigos inglezes, saiu de Leeds pelo caminho de ferro, então completo até Selby e Hull, e de lá até Londres. Depois de vêr daquella moderna Babylonia, o que havia de mais notavel, partiu para França; chegando a Paris, viu o que se podia vêr daquella cidade, regressando a Leeds. No anno seguinte 1836, veiu a Lisboa pela primeira vez, depois de deixar o seu paiz natalicio, visitar um mano que tinha nesta cidade de Lisboa, negociante.

Instado por elle, propoz-se a fundar uma fabrica de lanificios, e visitando nessa occasião os arrabaldes de Lisboa, d'Alcantara até Sacavem, procurou local apropriado para o seu intento. Tambem visitou Alcobaça, Alemquer, Azeitão. Quiz comprar a fabrica de papel d'Alemquer, o que não poude conseguir, porque, nem o governo, nem a companhia, que tinha trabalhado a mesma fabrica, a podiam vender. Talvez que s. ex.ª, o sr. José da Silva Carvalho, então ministro, a quem falei no edificio, e mais o sr. Roma, a quem s. ex.ª me enviou, para receber informações a tal respeito, se lembrem deste incidente.

Ao sr. Miranda, offereci em metal sonante, 20:000$000 rs., que naquelle tempo havendo papel moeda (me parece) era alguma coisa, pela fabrica, e terrenos que elle possuia em Azeitão: não me foi acceita a offerta, e ao depois, sendo informado que o local, desde Coyna até Azeitão, era um berço de sezões, voltei as minhas vistas para outro local, fugindo da borda do nosso soberbo Tejo.

Antes de partir para Inglaterra, fui á sempre leal, e industrial cidade do Porto, atravessei a nossa bella provincia do Minho.

Aqui peço licença para divagar, e dizer que o celebre viajante, Silk Buckingham, que viajou a Asia toda, referindo-se á provincia do Minho em Portugal, diz que não encontrára em parte nenhuma do mundo sitio que mais se assimilhase á descripção dada na Santa Biblia da antiga Palestina, no tempo da sua maior florescencia, como a provincia do Minho.

De Valença, entrei em Hespanha por Tui; voltei ao Porto, e de lá a Lisboa, embarcando então para Inglaterra.

Voltei a Lisboa em 1837, e em maio comprei a quinta que possuo no Campo Grande, com a tenção de alli fundar a minha fabrica, desde os alicerces; e posto que não tivesse em abundancia agua potavel, depois de ser bem informado, que o Campo Grande nadava em agua, elemento que me era necessario, fui para Inglaterra outra vez e lá principiei a executar o meu plano, continuando ao mesmo tempo com o meu negocio. Comprei o maquinismo necessario para pôr em andamento uma fabrica de lanificios em ponto grande.

Isto sósinho, ajudado sómente pelo mais puro amor patrio.

Levou-me até 1840 porque o maquinismo saía de Inglaterra por contrabando. Depois de cá ter na alfandega, como — ferragens — o que então me parecia necessario, vim a Lisboa onde cheguei em fins de maio, trazendo comigo um engenheiro, para me montar o engenho de vapor, eixos etc. Foi nesse anno de 1840, que lancei os alicerces á minha fabrica e em seis mezes completei o primeiro pavimento, sendo o edificio á prova de fogo, com vigamento de ferro, abobadas de tijolo etc.

No dia 7 de dezembro saí outra vez para Inglaterra, tratar do meu negocio e engajar operarios para vir pôr a minha fabrica em andamento: cheguei a minha casa em Leeds, dias antes do Natal, graças ao caminho de ferro; oiço que haviam maquinas aperfeiçoadas e em trabalhos, em cuja invenção a Inglaterra, França, Allemanha e Estados Unidos da America do norte, tinham andado por espaço de 20 annos que eu sabia. Não quiz vir sem ellas; effectuei a sua acquisição, levando-me isto até 1842. Fallei e predizpuz operarios, e em junho, á testa de dezeseis operarios parti para Lisboa. Isto feito por mim sósinho, torno a repetir e com o meu capital, ganho com o suor do meu rosto! No 1.º de julho, desembarquei em Lisboa, com saude e bello espirito, e o meu bando inglez de operarios. Em poucos dias já tinha pannos, e casimiras promptos para o mercado. Continuei com o fabrico, ensinando operarios, levantando ao mesmo tempo mais dois andares, com os materiaes de ferro, tijolo, pedra e cal, á minha fabrica.

Tendo feito isoladamente, tudo quanto podia, agora para dar o desenvolvimento de que é susceptivel o meu estabelecimento

PROPONHO:

Que se forme uma companhia, na qual eu entrarei, com todo o meu capital, que tenho na minha fabrica, sita no Campo Grande, por ava-

liação de peritos, nomeados pelas duas partes contratantes.

Que esta tenha o capital de rs. 120:000$000, dividido em 2400 acções de rs. 50$000 cada uma.

Que logo que tres quartas partes do capital estiver preenchido, por subscriptores, seja chamada uma assembléa dos accionistas, para discutir os estatutos, que deverão reger a mesma companhia, e pôr-se em activo andamento.

Patricios, portuguezes! Aqui tendes vós o que se vos não appresenta todos os dias — os campos arroteados, lavrados, e preparados para se lhe lançar a semente, e colher-lhes o fructo. Que eu tendo sido o cultivador, já colhi em primeiro logar, e vos posso affiançar será abundante, abundantissimo.

Confiai em mim! Eu me proponho a partilhar o fructo com vós outros, e mostraremos ao mundo, que os portuguezes são homens capazes de tudo emprehender, e mui principalmente no que diz respeito á arte fabril, e mechanica.

Campo Grande, abril 4 de 1853.

Aniceto Ventura Rodrigues.

PARTE LITTERARIA.

A MOCIDADE DE D. JOÃO V.

ROMANCE.

Capitulo XLI.

SOU REI!

Saindo do castello com Cecilia, o jesuita dirigiu-se ao paço da Ribeira, para onde o principe real mudara a residencia, apenas falleceu Pedro II. Pelo caminho, em quanto rodava a sege, ora trepando, ora descendo as ingremes e tortuosas ruas da cidade, o padre Ventura repetia as ultimas advertencias á educanda, apropriando as palavras ao seu estado, e interiormente admirado da fortaleza do seu espirito. Em annos feitos para se escutar mais a paixão do que o dever, a irmã de Thereza não deixava escapar o menor signal, que traísse a dor profunda e incuravel, que a tinha trespassado. Como d'antes, o sorriso era nos seus labios sereno apesar de melancolico; a doçura e a resignação da alma liam-se-lhe nos olhos meigos e reflexivos, ao passo que uma sombra de tristeza caíndo como véu ligeiro sobre as feições, augmentava o interesse ao semblante pallido, e exprimia uns longes da saudade, com que o coração diz sempre adeus na flôr da vida aos sonhos, que foram a sua esperança e alegria.

Quem a houvesse conhecido primeiro, e a contemplasse agora, debalde buscaria na physionomia séria e pensativa de Cecilia aquella graciosa mobilidade, e espirituosa animação, que faziam a seducção e o encanto da sua belleza; a magoa, passando, apagara os risos e as rosas. As pupillas negras, cujo brilho fascinante se molhava no fluido suave da ternura, tinham perdido o calor e a luz; e se acaso se volviam ao céu, ou por momentos faiscavam, baixando-se á pressa, turvas das lagrimas mal queimadas, escondiam a nuvem sob as palpebras, languidas com o pezo da angustia. Ao visitador nenhuma destas mudanças se occultava, e habil em apreciar a extensão do golpe, pasmava comsigo mesmo da grandeza moral, capaz de supportar o infortunio com o heroismo do silencio, exacerbando as proprias penas para minorar as alheias, e chorando dentro da alma a viuvez eterna dos affectos, sem que o sangue do seu pranto, e a dor que o derramava, arrancassem um queixume á bocca, nem á vontade uma só fraqueza!

— « Meu Deus! — dizia comsigo o jesuita pensativo, — que insondavel mysterio é a vida humana, e como o mais velho e experiente no conhecimento das paixões fica pequeno e humilde a cada instante! Cuidei que sabia alguma coisa do coração, porque o estudei primeiro em mim, e depois nos outros. Vaidade das vaidades! Uma criança ignora talvez menos. O forte succumbiu, e prostrou-se á desgraça; o soldado firme em desafiar a morte, não se atreveu com medo da solidão a separar-se do seu amor, e uma donzella, melindrosa, cheia de illusões, na flôr da formesura, no maior extremo da ternura, achou de repente o animo dos heroes, e a abnegação dos martyres! Hontem ella é que tremia; hoje ella é que nos consola!... Aonde estará o segredo disto?... »

Como se advinhasse as meditações do visitador, Cecilia ergueu para elle a vista, e disse-lhe com o delicado e triste sorriso, que tanto pungia nos seus labios:

— « Se me affirmassem, padre Ventura, que isto havia de ser, e que eu resistia, e tinha forças para vir aqui, e para tornar a vel-o e escutal-o, sabendo elle que o amo, sabendo eu o amor com que me estremece, dizia que era impossivel, e protestava morrer primeiro. E veja! Sou de todas as creaturas a mais infeliz, porque no

mundo aonde cabe o mendigo, não me cabe o coração; e assim mesmo posso com a cruz, trago os olhos enxutos, e a saudade corta-me, e não me mata! »

— « Louve a Deus, filha, e creia na sua bondade! » respondeu o jesuita com os olhos arrazados d'agua. « Elle gradua-nos as forças conforme o sacrificio. »

— « Creio em Deus, padre visitador, e hoje mais que nunca! Quer que diga? No céu, aonde não ha reis nem principes, aonde é tudo amor e jubilo, o esposo hade unir-se á esposa, e aquelles que as soberbas vãs do mundo separaram não hão de fazer senão uma só alma e uma só paixão. Creio em Deus, peço-lhe fé e conformidade, para resurgir da sepultura, em que vou penar, nos braços dos seraphins, cantando os louvores eternos, e velando em espirito e sem crime por quem... tinha nascido para mim, se um reino e um povo não fossem mais do que o extremo de uma mulher. No excesso do amor acho até a magoa doce, porque o meu sacrificio, é para elle ser livre e poderoso; é para elle reinar como um grande principe!... A mim basta-me a saudade!... e a noticia, de que no throno se lembra alguma vez do tempo, em que... sonhamos sem saber o perigo! »

O padre Ventura tinha tudo disposto no paço para conseguir o bom exito do seu plano. Diogo de Mendonça, que tomava a peito a sorte de Jeronymo, mas com as precauções de habil cortezão, encarregou-se de lhe proporcionar uma audiencia mais á educanda; e instruido na verdadeira causa da ira de sua magestade, acrescentou com um sorriso e um movimento de hombros particular, que se íam acalmando os mares, e que o bemfazejo coração de el-rei não resistiria ás supplicas de uma menina formosa e compassiva. O conde de Aveiras, e D. Luiz de Athaide, desejosos de concorrerem da sua parte para a soltura do mancebo, e o primeiro zeloso como amante em cumprir as ordens de Catharina, ajustaram acompanhar a donzella até á porta do gabinete do principe, occultando-lhe o nome, e esperando a occasião, que a sabedoria do visitador julgasse mais opportuna para ser introduzida. Ao mesmo passo, e sem nenhum delles o suspeitar, o corregedor do crime, aproveitando a entrada, que o seu genio, e a sua veia chistosa, lhe davam com o soberano, perdeu o receio desde que teve nas mãos o papel escripto pelo noivo de Thereza, e sem demora expoz a cabeça resolutamente ao temporal, sustentando contra as já minoradas repugnancias do monarcha uma contestação, que faria empallidecer os aulicos de officio, se assistissem á pratica, que a esta hora se estava travando entre o principe e o vassallo! Tudo conspirava por tanto a favor de Jeronymo; e como succede não raras vezes até os acasos caíam para o lado delle!

Desde que ha intelligencias em uma praça, é indifferente entrar pelas portas ou por uma das brechas. Foi o que aconteceu ao padre Ventura e a Cecilia logo que chegaram diante dos officiaes menores da casa. Munidos do competente aviso nenhum delles poz difficuldades; e ate o porteiro da canna arregaçou os circulos das tres barbas para dar um gracioso ar de riso ao plenilunio da face, cumprimentando a devota roupeta de Santo Ignacio, de que era irmão indigno. El-rei despachava em um gabinete, que abria para a salla da gallé por um dos lados, e deitava sobre o eirado pelo outro. Os archeiros de guarda tinham ordem de deixar passar o secretario das Mercês logo que saísse o corregedor do crime, e o camarista de semana conde de Aveiras, esperava com o ministro, (bastante impacientes já os dois) que terminasse a conferencia do Camões com sua magestade.

Na côrte até o relogio é origem de ciumes e inquietações. O tempo concedido a qualquer subdito, sobre tudo notando-se a boa sombra do soberano em o receber, é calculado escrupulosamente pelos augures, e serve-lhes de regra afim de graduarem pelos quilates do valimento o odio espontaneo e a curvatura de dorso, que se deve ao ditoso mortal assim honrado. Diogo de Mendonça, que estava a merecer, e que sabia que tinha grandes inimigos, ensarilhava os dedos uns nos outros, silenciosamente, com a pasta debaixo do braço. O conde, que era amante e confidente, tinha pressa de fazer um serviço agradavel á sua noiva, e de colher um segredo no caso de existir. Ambos, pois, e por motivos bem diversos, encommendavam pouco a Deus a pessoa do Camões, mostrando no rosto se não cuidado, ao menos alguma aprehensão.

Neste momento é que o jesuita appareceu, trazendo pela mão a educanda, cuberta com o seu véo, e tremula de todas as comoções, que deviam combatel-a em tal logar, e proxima a entrar n'um lance para que se tinha preparado, mas que assim mesmo lhe suffocava o coração. Apenas os passos subtis do seu alliado escorregaram ao de leve pela alcatifa, e o sorriso fino e penetrante daquelles olhos italianos lhe fez uma

interrogação, o secretario das mercês adiantou-se; e depois de beijar na testa a neta de Lourenço Telles segundo o costume, e de a confiar á protecção do conde e de D. Luiz (que passeiava perto) pegou pela mão ao visitador, correu a vista em redor de si com vigilancia, e pondo os dois hombros direitos (caso raro!) encaminhou-se sem mimica para um quarto reservado, fechou a porta, e atirada a pasta com arremesso para cima da mesa de reposteiro vermelho, disse, meneando a cabeço e olhando fito:

— « Sabe v. paternidade que eu dava muito dinheiro para estar outra vez em Hollanda, apezar da humidade e da maldita sopa de cerveja? »

— « Porque? » redarguiu o padre, investigando-o com o olhar prescrutador que lhe dirigiu. « Acha-se em perigo aqui? Sua magestade já entrou em Salento ou mandou tirar para o estudar o papel de Idomeneo? »

— « Salento é uma historia! Antes Salento! Sabe que mais? Roque Monteiro tenho medo que venha acima da agua, e que me deite ao fundo a mim com dois penedos aos pés. Fallei a el-rei no caso das cartas de Saboya; disse-lhe o que ajustamos; ouviu-me tocando tambor sobre a copa do chapeo; e creio que não rio pouco da triste figura que eu fazia. Demonio! Depois despediu-me com um tom muito serio, acrescentando — que elle examinaria! — O que ha de elle examinar? Não sente nisto as pegadas do lobo? »

— « V. s.ª é aprehensivo de mais. E o papel deu-lho? »

— « Certamente. Fechado e lacrado como o recebi das mãos de v. paternidade. »

— « Muito bem! » concluiu o jesuita serenamente.

— « Muito bem? Muito mal, digo eu! Ha dois dias, que não pude ainda tirar de el-rei senão um aceno de cabeça muito leve. Estou á espera que á saída do despacho... Sua magestade se lembre de me pôr de cama e meza em uma das suas torres. Esta demora com o corregedor do crime... »

— « Melhor o ha de fazer Deus! » atalhou o jusuita sorrindo.

— « O desafogo de v. paternidade é que agradeço! » accudiu o ministro exaltando-se. « É verdade que quem vai para a cadêa e quem padece, sou eu só. Porém mereço-o pela minha nimia boa fé. Metti-me como um parvo na bocca do leão... »

— « Pelo contrario parece-me que se tirou » disse o padre, dando ao rosto uma sombra de ironia.

— Parece-lhe a v. paternidade? Pois a mim não! E o caso de ír de alçapões abaixo em S. Julião ou no Bugio não se resolve com a vaidade de meras conjecturas. Tambem ao conselho da fazenda pareceu a semana passada que dois e dois eram cinco, e el-rei poz-lhe por cima em bella lettra que eram quatro!... »

— « Póde ser. O conselho devia sommar. Mas quanto aos papeis sei de certo que el-rei já os tem examinado.

— « V. s.ª sabe e não teve dó de mim, tirando-me da afflicção, em que me vê? » exclamou o ministro erguendo os braços com vehemencia, e pondo depois os oculos á pressa. « Pois eu não sou tão discreto, e por isso direi... »

— « Que os regimentos para o governo da America foram assignados ante-hontem, e estão a expedir-se? Não me queria dizer isto? » interrompeu o visitador placidamente.

— « Queria, queria; mas!... Tomára eu saber aonde se mettem os curiosos, que informam a vossas paternidades? Teem olhos e ouvidos em toda a parte. »

— « Não se admire. É porque fazemos pouca bulha, e cabemos em qualquer logar. Sei o muito que a companhia deve neste negocio a v. s.ª; e não lhe occulto que era o maior que podia ter no tempo actual. Agora vou mostrar-lhe que não somos ingratos, nem menos zelosos. Conhece esta lettra e estes sellos? » accrescentou, abrindo o peito da roupeta, e mostrando-lhe um maço de papeis.

— « É a lettra de el-rei que Deus haja!... São as malditas cartas de Saboya! Ah! » E todo alvoroçado e convulso de alegria Diogo de Mendonça abraçou o vacuo umas poucas de vezes, e deixou caír os oculos e partirem-se no sobrado, o que era sempre o seu rasgo usual nos grandes movimentos tragicos. « São ellas em corpo e alma! » accudiu de novo, e estendendo a mão para as receber.

— « Um instante, se me permitte! » accudiu o padre conservando-as sem lh'as dar. « Não deseja saber o modo porque fizemos o milagre? »

— « Depois, depois! » gritou o secretario das Mercês exaltado. É preciso vêr primeiro se o ladrão de casa não deixou alguma pela pasta... »

— « Antes, antes! » repetiu o jesuita, rindo e negando-lh'as sempre. « Quanto a saber se falta alguma, como o segredo de estado prohibia a v. s.ª abrir o maço em seu poder, e sei que era incapaz de uma curiosidade pueril contra as ordens de el-rei, não vejo a maneira de se escla-

recer... Sobre tudo estando tudo dentro de capa e com os sellos firmes. »

— « Tem rasão v. paternidade! » disse o diplomata um pouco mortificado da lição. « Mil vezes rasão. O que maravilha é estarem os sellos inteiros depois de alguem lêr... porque se leu ou se adivinhou, como quizerem! »

— « Se fizesse a honra de me ouvir, e é o que lhe peço ha meia hora não se admirava tanto.»

— « Sou todo attenção! Desculpe v. paternidade os movimentos naturaes... »

— « Pois bem! » proseguiu o italiano com um gesto, que obrigou o secretario a engolir o resto do discurso. « O papel lacrado que por conselho meu entregou a sua magestade encerrava a historia de toda a infame intriga de Roque Monteiro, contada por mim, e attestada pelo ladrão subalterno,.. aquelle celebre Thomé das Chagas que nós conhecemos... »

— « Ah! E depois? » accudiu Diogo de Mendonça soffrendo a respiração com anciedade.

— « Depois, el-rei nosso senhor faz a mercê de não me olhar mal, e ordenou ao conde de Aveiras, que fosse chamar-me da sua parte, porque me queria ouvir. »

— « Grande idéa tivemos! teve v. paternidade, quero dizer. Eu não inventei nada, nem a polvora, que é obra dos frades. E chamam-me esperto! Mas queira continuar, e desculpe-me estas interjeições... »

— « Sua magestade ouviu tudo da minha bocca.»

— « Tudo? » atalhou o ministro um pouco sobresaltado. « Tambem a historia da nossa conferencia no meu gabinete? Parece-me... »

— « Essa era para os cégos de lá; quero dizer; essa devia-lha contar Roque Monteiro se a soubesse; felizmente ignora-a, porque v. s.ª e eu somos pouco chocalheiros. »

— « Famoso! Famoso! » exclamsu o diplomata esfregando as mãos.

— « Como eu esperava, e lhe assegurei » proseguiu o visitador « el-rei formalisou-se com a insidia de Roque Monteiro; e duas palavras que deixei cahir sobre a justiça de Trajano acabaram de vencer a nossa causa no seu espirito... »

— « Muito bem! Se lhe tocasse na continencia de Scipião duvido que fizesse o mesmo » interrompeu o secretario rindo e beliscando a orelha com delicias. « Sua magestade, que Deus guarde, leu com fructo a historia de Salomão... Imita-o na sabedoria, e... e em tudo o mais, Nosso Senhor seja louvado! »

— « Scipião era republicano, e pareceu-me pouco delicado citar a um rei exemplos que não viessem de um throno » redarguiu o italiano com o sorriso cheio de finura. « O caso é que el-rei, acabada a audiencia, disse-me que fosse descançado, que elle daria uma severa lição a Roque Monteiro; e quanto a v. s.ª, que lhe guardasse segredo, mas que ainda o estimava mais depois do seu acto de sinceridade... »

— « Grande principe! Note v. paternidade os talentos verdadeiros que mostra distinguindo as boas qualidades dos seus vassallos. El-rei acha-me sincero, e alguns detractores accusam-me justamente do contrario... Que deitem fogo hoje a essa mina e verão! Eu é que hei de rir. E depois, sr. padre Ventura, depois? Estou sempre a interrompel-o. É um mau habito. »

— « Depois, el-rei pegou na penna, e passou ordem a Roque Monteiro para entregar ao portador *todos* os papeis de estado, que estivessem em seu poder. O portador era eu. »

— « Percebo! Que triste cara havia de fazer com v. paternidade ao lado! Até um besouro se ria delle! »

— « Nada; achei-o muito docil, muito discreto. No principio quiz honrar-me até com uma falsa confidencia; mostrei-lhe que sabia o seu jogo; fallámos muito do Tratado de Methwen, que teve a gloria de negociar... e despedimo-nos, ficando bons amigos. »

— « Mas v. paternidade com os papeis na mão? »

— « Está claro. Para que ía eu lá? O sr. Roque Monteiro foi logo ao paço, e encontrou sua magestade a tempo que subia a escada de marmore para ír á galeria do terraço. El rei deixou logo cahir a viseira, o que o torna outro, e voltando para elle só meio rosto, disse-lhe: « Roque Monteiro está o tempo lindo para uma jornada até á provincia. Quando parte? » — Vinha pedir exactamente as ordens de vossa Magestade! — « respondeu o seu amigo, que tambem desde hontem receio que o seja meu. » — « Pois bem! « repetiu sua magestade » aproveite a occasião, vá ver as suas terras, e demore-se. A lavoura é util á alma e ao corpo! » Depois deu-lhe a mão a beijar sem lhe pôr os olhos, e acabou de subir não accrescentando mais nada.

— « Roque Monteiro desterrado? Bravo! »

— « Eu tinha dito a v. s.ª que Roque Monteiro havia de achar o tempo bonito para uma jornada ás suas terras. »

— « Tinha! Tinha! Mas parece-me ainda um sonho. »

— « Aqui tem agora as cartas; el-rei insinuou-me que deseja que v. s.ª lh'as entregue pessoalmente. Como está satisfeito com os seus serviços é provavel que lhe dê algum testimunho hoje mesmo... »

— « V. paternidade é magico? » gritou o diplomata radioso.

— « Não senhor, sou exacto. A mercê de secretario de estado acha-se lavrada. Logo o ouvirá da bocca de el-rei. Agora trate de ser bom cavalleiro: os primeiros ministros de facto, e não de direito, parecem-me os mais seguros. »

— « Se os tratados das potencias se executassem, como o nosso, sr. padre Ventura » disse Diogo de Mendonça abraçando-o « não andava o o mundo em guerra. Como hei de agradecer a v. paternidade tanta amizade? »

— « Desejando-me boa viagem, e dando-me as suas ordens para Italia. »

— « Então deixa-nos? Agora que eu mais precisava dos seus conselhos... »

— « V. s.ª não precisa senão de duas coisas para ser grande ministro: vontade e acção! Querer de veras, e obrar sem medo! »

— « E o nosso Jeronymo? » perguntou o ministro para fugir de um terreno desagradavel.

— « Vamos ver se o milagre se faz! Receio que tenhamos de nos contentar com um perdão pouco generoso. El-rei duvido que o deixe ficar em Lisboa e que se esqueça daquella estocada... »

— « Ah! A que não deitou sangue ainda me assusta mais do que a outra! » acudiu o ministro, meio pensativo. « A ferida perdoava el-rei sem difficuldade... bastava que Jeronymo uma destas noites se deixasse apanhar em algum passe ligeiro de espada preta; mas cioso e altivo como é sua magestade em amor e em poder... »

— « El-rei nosso senhor permitte que o padre Ventura chegue á sua real presença! » disse da porta o conde de Aveiras.

O secretario das mercês engoliu á pressa o resto das suas reflexões, e pegou na pasta, alquebrando o hombro. O jesuita inclinou-se em silencio, e seguiu o camarista de semana.

L. A. REBELLO DA SILVA.

(Continúa.)

III

O PEDIDO.

Oh! nunca viste donzella
Uma estrella
No céu sereno a brilhar?
É tua imagem formosa,
Mais lustrosa
Do que a perola do mar.

Nunca viste a veia pura,
Que murmura
Sobre leito de verdores?
Assim se passa tua vida
Consumida
Entre os folguedos e amores.

E além, dos cantos aerios
Os mysterios
Nunca escutaste donzella?
São bellos esses cantares
Sobre os ares,
Mas tua voz é mais bella.

Dá-me essa estrella brilhante,
Que incessante
Vejo nos céus a luzir;
Eu quero, sim, não receio,
No meu seio
Seu fogo quero sentir.

Dá-me essa veia sonora
Surridora
Entre as flores a correr;
Quero fartar o meu peito,
Satisfeito
O que me importa morrer.

Dá-me os teus hymnos, donzella,
Minha estrella,
Meu prazer e minha lida,
Que eu te darei nos meus cantos
Mais encantos,
Que eu te darei minha vida.

IV

AO MEU AMIGO O ILLM.º SR. JOAQUIM PINTO RIBEIRO.

D. Fuas.

Quanto se ergue.....
Quem ao nascer sortio um peito altivo
Capaz d'inclita empreza.

F. ELYSIO.

Desprende o vôo alteroso

Aguia sublime da gloria,
Deixa que á voz da victoria
Vá-se aos céos teu filho alçar.
Impenna-lhe as azas bellas,
Faze que o sol, que as estrellas
Sem medo possa encarar.

É seu peito como a rocha
Erguida em meio da tormenta;
É leão que se acalenta
Dos gladios ao retinir.
Quando sobre o seu semblante
Brilha o elmo rutilante
É um grosseiro gigante
— Embryão de heroes por vir.

Nasceu na terra dos bravos
Foi seu nascer festejado
Pelo gemido arrancado
Do peito do moribundo:
Audaz, de pé sobre a terra
Ergueu-se ao brado da guerra
— Brilhante assombro do mundo.

N'essas campinas de Ourique
No lidar da liberdade
Qual raio da tempestade
A sua espada igualou?
Em toda a parte onde a morte
Vibrou seu buido corte,
Seu braço brioso e forte
Com ella a par pelejou.

Lá vem o rei de Merida —
Gamir — o forte guerreiro
Moribundo; prisioneiro
Não traz nos pulsos grilhões.
Que não lhe soffrem cadêas
As almas de valor cheias
Dos portuguezes dragões.

Porém que fazes D. Fuas?
Coberto de bastos loiros
Deixas impunes os moiros
Nossas costas insultar?
Acaso a lucida espada
Sobre os campos afiada
Pela patria só vibrada
Não póde gasta cortar?

Não: eil-o vae sobre as aguas
Entre os lucidos pavezes
Co'os guerreiros portuguezes
Sobre o mar a combater.

O seu braço inda mais forte
Do que o ferro, é qual a morte
Nunca cessa de abater.

Entram o Tejo garbosas
As galés já vencedoras:
Alfamim co'as galés moiras
Rendeu-se ao luso poder.
Era o adejo primeiro
D'esse povo tão guerreiro,
Que devia o mundo inteiro
Sobre seus hombros suster.

Salve! soldado brioso,
Potente filho da guerra!
Não contente sobre a terra
Lanças-te além teu pensar,
E com vela aventureira
Forte pela vez primeira
Sobre as ondas pelejar,

. . . . . .
. . . . . .

Ei-lo de novo nas aguas
Sobre ligeiras gaivotas
Buscando as imigas frotas
Pelas costas de alem mar.
Nas moiras galés vencidas
As quinas veem-se temidas
Sobre os mastros tremular.

Mas além entre milhares
De golpes todo crivado
Elle morre ensanguentado
Com portugueza bravura.
Turva-se a limpha serena,
Exulta a raça agarena,
Mas era a terra pequena,
Foi-lhe o mar a sepultura.

Dorme! É teu leito o oceano
Batalhador esforçado!
De teu sangue tem brotado
Mil altaneiros gigantes,
Que além de abysmos profundos
Ergueram nos novos mundos
As santas quinas ovantes.

Dorme guerreiro! Na terra
Não tens ricos mausoléos;
Mas quem ganhou mais trophéos
No curto espaço da vida?
Tens sete sec'los de gloria,
De um povo inteiro a memoria,

E de trinta reis a historia
De heroismo entretecida.

JOSÉ RAMOS COELHO.

NOTICIAS E COMMERCIO.

Calculo curioso. — A cultivada e bem dirigida intelligencia do homem tem conseguido transformar em importantes valores as substancias que por commuus, e por assim dizer, de todos despresadsa, não attraíam delle, até certo tempo, a mais pequena attenção; hoje mesmo muitas fontes de riqueza o rodeam, e, ou seja por negligencia ou ignorancia, esses mananciaes jazem, como senão existissem, quando ás vezes bastaria um pequeno mas perseverante trabalho, para delles tirarem a subsistencia muitas e numerosas familias.

Se o espaço e o tempo são constantemente os meios de que a natureza se serve para conseguir o movimento e a vida, o homem como um dos fins destes meios, teve por condição de sua propria existencia o pensamento e o trabalho: tudo quanto existe por elle inventado desde a mais humilde e trivial choupana até á maior e mais sumptuosa fabrica conhecida, teve um molde primitivo elaborado pelas faculdades de seu quasi divino entendimento; e a transformação desse molde ideal, na realidade, no tangitel, é devida ao seu proprio e manual trabalho, ou ao das forças da natureza compelidas pela intelligencia delle a exercerem sua acção de determinado modo.

O emprego já conhecido destas forças, sendo quasi sempre facil e pouco despendioso, produz todavia trabalhos, que avaliados em dinheiro equivalem a uma riqueza permanente importante em avultadas sommas. O exemplo, que em seguida vamos apresentar, sobejamente provará tudo isto, servindo, ao mesmo tempo, como de aviso aos menos versados nestas materias, para que em todas as occasiões favoraveis lancem mão daquellas forças a fim de que por meio dellas possam augmentar os seus haveres.

Supponhamos que uma dos mós ordinariamente empregadas nos nossos moinhos, moe 30 alqueires de grão em 24 horas; o trabalho mechanico correspondente a esta moagem é de 2.592,000 kilogrammos ou o trabalho, da mesma especie de unidades, que podem fazer 15 homens em um dia.

O districto de Lisboa, cuja população é de 477,000 habitantes, consome 60,000 moios de pão por anno, ou 3.600,000 alqueires: é claro que para moer esta quantidade de grão, seria necessario o trabalho de 1:800,000 homens. Ora como podemos estimar o preço medio do jornal de cada homem, para esta especie de trabalho, em 300 rs., teremos 540:000$000 rs. pelo valor do trabalho equivalente produsido pela força de agua e do vento em cada anno no districto de Lisboa.

Querendo fazer extensivo este calculo ao resto do reino, no continente, supporemos que a população, nesta parte, é 6 vezes a do districto de Lisboa, o que não se afasta muito da verdade; nesta hypothese pois, teremos que o 10.800,000 será o numero de homens necessario para reduzir a farinha 3600.000 × 6, ou 21.600,000 alqueires de grão. Porém como nas provincias podemos suppor o preço do jornal para cada homem 200 rs., é claro que o trabalho total produzido pela força de agoa, e do vento no continente do reinoequivalerá em dinheiro a 2.700,000$ rs.

Se tirarmos desta quantia 100:000$000 rs. para a confecção dos machinismos, restam-nos 2.600:000$ rs., quantia esta de que a natureza nos faz presente todos os annos!!

H.

Manteiga manufactnrada em Portugal. — Um negociante respeitavel da cidade do Porto quiz mandar para Gibraltar manteiga de Vizella da fabrica do sr. Wilby; de tão boa qualidade ella é; porém só pôde obter uma pequena porção, por ter havido pouco leite em rasão de não haver pastos pela muita neve e frio deste inverno.

Progresso da industria mechanica portuense. — Na fabrica da fundição de Massarellos acaba de concluir-se uma machina de vapor oscilante, da força de 6 cavallos, a primeira que se fabrica no nosso paiz. É na opinião dos entendedores das mais perfeitas no seu genero. Quinta feira 14 da uma ás duas horas da tarde, faz-se a experiencia desta machina no mesmo estabelecimento, que tanto promette corresponder ás esperanças de seus fundadores.

O novo motor-calonco.—A nova invenção do calorico vai-se convertendo em pratica, nos Estados-Unidos onde ella foi acolhida, e onde tem sido verificada em ensaios felizes e em experiencias já repetidas.

Os pedidos para a permissão de fabricar maquinas a calorico, pelo systema Ericson, tem sido tão numerosos, que o celebre inventor acaba de auctorisar as forjas para fabrical-as, mediante uma somma puramente nominal, que lhe será paga por cada machina. Os chefes de tedas as grandes fundições de Boston teem vindo a Nova-York a negociar o direito exclusivo da fabricação das machinas em o estado do Massachussets. Os fabricantes, de todas as partes da União, mostram o mesmo empenho. O engenheiro Ericson occupava-se em applicar o novo motor ás locomotivas empregadas nos caminhos de ferro.

Duas reclamações, com tudo, acabam de ser feitas a respeito da machina-calorico. O engenheiro mr. Burdin lembra que fizera á academia, em 1836 a 37, diversas communicações sobre o emprego do calorico como força motriz, e que ultimamente, em 1850, elle dirigira ao ministro das obras publicas muitas communicações, em que se encontram idéas, que, em muitos pontos, concordam com as de mr. Ericson. Mr. Catala apresentou igualmente uma memoria sobre o mesmo objecto, publicada em dezembro de 1852 no *Boletim do Museu da industria de Bruxellas.*

Incendio na russia. — Em 23 de março houve uma conflagração tão voraz na antiga capital russiana, Moscow, que consumiu em breve tempo o theatro, um dos mais magnificos da Europa. O fogo reconcentrou-se felizmente no edificio, escapando a custo os bairros da colonia franceza.